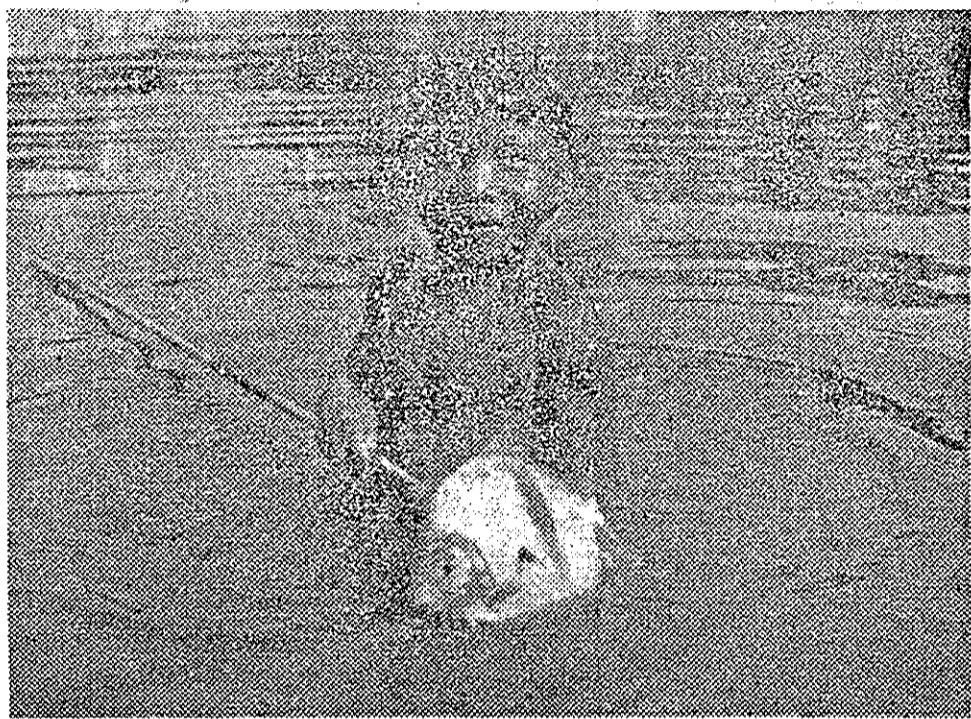


SERTANISTA CONTA O CONTO E O CANTO DO ALTO XINGU

— Reportagem de Adegno Amaro e Cláudia Silva —



O Xingú, rio piscoso, torna o índio feliz.

Retornará amanhã à região do Xingú, o sertanista Orlando Vilas Boas, administrador do Parque Xingú, e da Fundação Nacional do Índio, que se encontra em Manaus realizando contatos com o engenheiro José Alves Cavalcante, Delegado da 1.ª DR, debatendo problemas atinentes aos silvícolas da Amazônia e adquirindo material para reequipar aquela importante base de apóio.

COMO É O PARQUE

O Parque Nacional do Xingú, segundo o sertanista Orlando Vilas Boas, é famoso pelas suas peculiaridades, quer no terreno da etnologia indígena, como da fauna e flora, e está destinado a ser um dos mais interessantes laboratórios de pesquisas naturalísticas do Brasil.

Por fenômenos migratórios, ainda não bem estudados, concentrou-se naquela área, representantes dos principais troncos linguísticos do continente. A fauna e a flora terrivelmente violentada em outros grandes rios, permanecem ainda intocadas. Os depredadores, que usam o nome da indústria extrativa não encontram ali campo de ação, parecendo que a natureza guardou seus segredos de forma a deixar para as gerações futuras um testemunho do Brasil pristino. Para isso, encheu-a de índios que, expulsos pelos invasores, e para que o rio não trouxesse caçador de peles, colocou no meio do seu curso uma centena de quilômetros de cachoeiras bruscas e corredeiras encrespadas e bravias.

A VIDA NO PARQUE

Poeticamente, adiantou-nos o sertanista, que "a bruma espessa de agosto e setembro e dois de outubro, não incomoda aqueles da terra, mas preocupa, isso sim, aqueles que voam nos aviões que passam, impedindo-os de descer porque nada veem. Mas em outubro estala o trovão e as grandes borrascas começam a cair dissipando a fumaça, a bruma e o calor. O ar rarefeito devolve o horizonte que a bruma ocultara. Mas tudo é começo. É o inverno que chega. Breve, nos rios, as águas violentas engolem as praias, invadem as matas e as cachoeiras cobrem as pedras. Passado o começo a chuva cai firme. Cai de um Céu Branco — é a chuva branca. Chuva que não teve começo e que nós não sabemos se terá fim".

CHUVA FAZ MEDO

"Zé" Luis, — prosseguiu Orlando Vilas Boas — um sertanejo que tínhamos conosco nos tempos da expedição, quando via a chuva branca corria para o rancho, enrodilhava-se na rede e rezava baixinho: "sinhó, tem dó de nós. A chuva branca mata e sufoca".

"O índio também se recolhe à maloca. Ele sabe que não adianta sair rio afóra, peixe não há, que possa ser visto. Na mata também, o barulho da água na fôlha molhada oculta o macaco, o jacarim e o mutum. Mal a enchente vai fazendo lagoa, praga danada vai surgindo aos montões: pium, maruim, tatu-quira e murigoca. Malária vem chegando e armando lago na aldeia. O índio que vinha todo brilhante do óleo de piqui e urucum, geme agora, na rede, com febre e com frio da sezão. No tempo do picadão, bem dentro da mata, Mariano espigado adoeseu desse jeito: —

- Donde que dói? — Pergunta um troleiro.
- Tirante o cabelo o rosto é uma dor só — responde.
- Guenta um nadinha, já vai um remédio.
- Que venha depressa, senão desencarno.

Um outro, o Piroscá, não aguentou. A febre foi tanta que não houve remédio que o levantasse. Já no delírio, com todos aflitos, gemia: "rouquenho... a mata pesada tá toda aqui encima". Hoje está tudo melhorado. No posto "Leonardo", que é a sede do Parque, já não morre ninguém, nem ali nem na aldeia. Para morrer carece que o mal seja dos grandes. Desses que não dá nem tempo de mandar o cujo para um centro maior. Malária, gripe, pneumônio e sarampo já não mata ninguém."

INDIOS ABREUGRAFADOS

"Todos os índios da área — prosseguiu o sertanista — do Parque são abreugrafados, tomam BCG, fizeram teste de PPD e lá nos fichários das Unidades Sanitárias Aéreas do Ministério da Saúde, estão catalogados. Dr. Noel Nutels, alagoano de criação, recifense de formação, dono de uma imensa cabeleira branca e de um bigode nada menor, foi o indicador das Unidades Sanitárias Aéreas que tantos e esplêndidos trabalhos vem prestando por estes brasis interior. Além disso, os xinguanos possuem vacinação anti-variolica, triplice, sarampo e este ano foi iniciada a Sabin. Esta parte última ficou a cargo da Escola Paulista de Medicina, com quem a administração do Parque mantém entendimentos."

PESQUISAS NO PARQUE

"Por outro lado, continuou o sr. Orlando Vilas Boas — pesquisas do maior interesse, no campo da medicina, têm sido realizadas entre os índios do Alto Xingú. Teses e trabalhos científicos, têm sido ali desenvolvidos por professores daquela faculdade. Recentemente o prof. Marcelo Pio da Silva e Dr. José Kerbauy, contornando dificuldades imensas, levaram a efeito cultura de células vivas no posto "Leonardo". Dr. Ruben Belfor de Matos, oftalmologista, ficou admirado da agudeza da vista do índio. Dr. Portugal — cardiologista — correu ascultar o ritmo cardíaco. Dr. Marcelo — hematologista — tirou sangue, viu malária, mas não viu anemia. Baruzzi e D'Anchieta, dois professores, andaram empenhados na blastômicoze. Dra. Jeseye — psiquiatra — andava afobada, não havia louco no meio dos índios! Nem ao menos um neurótico, que decepção... E é de se ver no caso de doença — o médico grave de um lado ascultando, enquanto de outro um page enfeitado sisudo, bem sério, fumando, fumando. É uma junta de cura, os males diferem. Enquanto um cura o corpo doente, o outro socorre o espírito. Assim é o Xingú" — concluiu Orlando Vilas Boas.